



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADE OSMAR DE AQUINO  
CURSO DE LETRAS**

**LUANA ANDRADE DOS SANTOS**

**A BOCA QUE VOS FALA: SOBRE O SAGRADO E PROFANO**

**GUARABIRA  
2017**

**LUANA ANDRADE DOS SANTOS**

**A BOCA QUE VOS FALA: SOBRE O SAGRADO E PROFANO**

Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de licenciada em Letras Habilitação em Língua Portuguesa. Área de concentração: Literatura, gênero e imaginário.

Orientador: Prof. Me. Rafael Francisco Braz.

**GUARABIRA**  
**2017**

S237b Santos, Luana Andrade dos.

A boca que vos fala [manuscrito] : sobre o sagrado e profano / Luana Andrade dos Santos. - 2017

25 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Rafael Francisco Braz, Departamento de Letras - CH."

1. Poético. 2. Condição feminina. 3. Sagrado. 4. Profano.

21. ed. CDD 808.1

LUANA ANDRADE DOS SANTOS

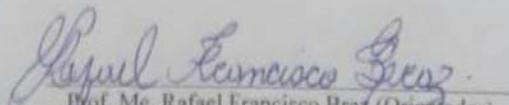
A BOCA QUE VOS FALA: SOBRE O SAGRADO E PROFANO

Artigo, apresentada ao curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de licenciada em Letras Habilitação em Língua Portuguesa.

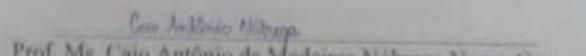
Área de concentração: Literatura, Gênero e Imaginário

Aprovada em: 27 de novembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA

  
Prof. Me. Rafael Francisco Braz (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Profa. Ms. Cláudia Mayara de Almeida Vasconcelos  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Ms. Caio Antônio de Medeiros Nóbrega Nunes Gomes  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu pai, pela dedicação, companheirismo e amizade, DEDICO. As vozes, que lutam para serem ouvidas, DEDICO.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

Ao professor Rafael Francisco Braz pela paciência e dedicação no decorrer da orientação desse trabalho.

À minha família, em especial aos meus pais, Ana Maria e Luiz Irenaldo, e minha avó Maria José, por estarem sempre ao meu lado, dando-me forças.

Aos meus colegas de classe pela amizade e apoio ao longo desse curso.

“Minhas fantasias eróticas, sei agora, eram fantasia de céu.”

*Adélia Prado*

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>07</b>
2	<b>BREVES PALAVRAS POÉTICAS SOBRE ADÉLIA PRADO .....</b>	<b>11</b>
3	<b>A LINGUAGEM POÉTICA .....</b>	<b>13</b>
3.1	<b>A revelação poética .....</b>	<b>15</b>
4	<b><i>A POETIZAÇÃO DO SAGRADO E PROFANO .....</i></b>	<b>16</b>
5	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>21</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>23</b>

## A BOCA QUE VOS FALA SOBRE O SAGRADO E O PROFANO

Luana Andrade dos Santos \*

### RESUMO

A Literatura desde os tempos remotos, sempre esteve entrelaçada com as experiências humanas e, principalmente, como o gênero poético, já que resulta da necessidade dos seres humanos resignificar o real/imaginário. O poético possibilita, assim, a revelação do ser, pois permite externar nossas experiências e até mesmo encontramos com a nossa identidade, sejam elas de caráter profano e/ou sagrado. O objetivo principal deste artigo é analisar os poemas *Festa do corpo de Deus* e *Trottoir* da referida obra poética da escritora, Adélia Prado, com o intuito de compreender como se manifesta o sagrado/profano. A abordagem teórica baseia-se em Zolin (2005), Todorov (2003), Bosi (1977), Paz (1982; 1994) e Eliade (1992). A análise nos mostra que a poesia de Adélia Prado tem caráter bastante instigante, envolvente e revolucionário, pois os seus recursos poéticos, como a intertextualidade, desperta nos leitores a curiosidade, os levando a procurar por outras leituras, além de promover reflexões sobre questões como: a condição feminina na sociedade contemporânea, as subjetividades do “eu” e sem comentar do erotismo/sagrado, que por si só chama a atenção para o texto. Embora seja categorizada como está fora do cânone, é uma obra importante de valor tanto artístico quanto representativo.

**Palavras-chave:** Poético. Sagrado/profano. Condição feminina.

### 1 INTRODUÇÃO

A Literatura desde os tempos remotos, sempre esteve entrelaçada com as experiências humanas e, principalmente, como o gênero poético, já que resulta da necessidade dos seres humanos resignificar o real/imaginário. O poético possibilita, assim, a revelação do ser, pois permite externar nossas experiências e até mesmo encontramos com a nossa identidade, sejam elas de caráter profano e/ou sagrado.

É, dessa necessidade do indivíduo, de querer compreender e significar o mundo, que provém à formação dos valores éticos, sociais e econômico das sociedades. Do mesmo modo que surgem inúmeras formas artísticas que promovem a manifestação dessas identidades poéticas, embora algumas dessas formas, em especial; a poesia, contradiga a certas ideologias dominantes.

---

\* Aluno de Graduação em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.  
Email: [luanaluana15@gmail.com](mailto:luanaluana15@gmail.com)

Nessa linha de pensamento, a poesia torna-se um instrumento que norteia e, ao mesmo tempo, revela; os costumes, os pensamentos e os sentimentos que estão presente nos contextos sociais de cada cultura, na qual ocorre o reconhecimento desses valores pelos os seus indivíduos, pois a poesia pode revelar ideais e, também, denuncia-las.

A natureza revolucionária da poesia, proveniente de uma “consciência de contradição”, perante as ideologias dominantes, sempre possibilitou, por meio das formas poemas, sonetos, baladas, cantigas mostrar as diversas facetas, que já existiram e existem na sociedade, sobretudo, as facetas das consideradas minorias, por serem excluídos e, ao mesmo tempo, silenciados do cenário social.

Sendo assim, na criação poética, ela assume as mais variadas formas, em conformidade com as situações, acontecimentos históricos e convicções de cada língua e nação, desta forma, o gênero poema, através de sua pluralidade imagética, recupera o estado da verossimilhança da linguagem, que é desmitificada e reduzida à ação comunicativa da fala cotidiana por uma face irrealidade do imaginário poético.

Na relação entre o gênero poema e a linguagem social, resultam na revelação das identidades, assim, ao lermos uma obra poética, descobrimos partes do nosso “eu”, que até aquele momento, nos era desconhecido, isto é, uma característica oculta no nosso modo de ser e que aparece nas imagens e na linguagem poética do poema através de figuras de pensamento.

Duas dessas identidades, mais frequente e presente, nos modos de ser que os indivíduos assumem, estão relacionados com as experiências humanas do sagrado e do profano, assim o mundo é entendido por meio dessas concepções, onde na experiência religiosa, o mundo é sacralizado pelas as hierofanias e a experiência profana, que dessacralização do mundo e os torna a experiência mais mundana.

Na poesia contemporânea brasileira, que se desvincula dos modelos poéticos clássicos: o épico e a tragédia; apresentando uma grande heterogeneidade de formas poéticas, repletos de hibridismo e intertextualidade, expondo, neste universo literário, as identidades dos indivíduos modernos, sobretudo, a identidade e o espaço da mulher na sociedade contemporânea, representado através de uma poesia de autoria feminina e fora do cânone.

Nessa linha argumentativa de pensamento, propomos neste trabalho de conclusão de curso, compreender a representação do espaço feminino na presente obra *Terra de Santa Cruz*, da poetisa Mineira, Adélia Prado, a partir de um estudo analítico/interpretativo de linha erótico/sagrado, em torno dos poemas; *Trottoir* e *Festa do corpo de Deus*, da referida obra,

assim, com a temática erótico/sagrado demonstraremos como as concepções do sagrado e profano revelam-se como uma identidade feminina no texto objeto desta pesquisa.

Em 1981, é lançado o livro de poesia *Terra de Santa Cruz*, a terceira obra poética de Adélia Prado, o livro está dividido em três partes, o primeiro intitulado de *Território* composto por 28 poemas e nele está contido o poema *Trottoir*; a segunda nomeado *Catequese* com 11 poemas e que encontra-se o poema *Festa do corpo de Deus*; e a terceira chamada *Sagração* contendo, apenas, 1 poema.

Nesta obra, a autora dá mais ênfase aos sentimentos de inquietação diante das experiências com o religioso, sentimentos, esse, de admiração diante de uma figura divina, e que a própria autora possui, dessa forma, ela traz para os poemas os sentimentos, os ritos e os costumes da ideologia cristã junto com a presença do erótico.

Na obra poética de Adélia Prado, percebemos a presença dessas duas características marcante, e que podem ser visto na maior parte de seus poemas, a religiosidade, em virtude da intertextualidade com os textos bíblicos; e o erotismo, devido às cenas imagéticas envoltas de uma aura erótica. A autora, em sua poesia, mostra uma linguagem mais cotidiana, estruturado em versos livres, abordado questões relacionadas à identidade da mulher moderna, trazendo, também, suas próprias experiências.

Ressaltamos que a coletânea *Terra de Santa Cruz* (1981), objeto de análise desse trabalho de conclusão de curso-TCC, é uma das obras publicada no início da carreira da autora e que a consagrou como escritora, marcando, assim, a presença da autoria feminina no cenário poético contemporâneo brasileiro.

Na obra desta mineira, observamos que o seu foco principal, está voltado para as experiências do cotidiano da mulher, pois a temática que nos mostrou ser bastante recorrente em seus poemas, refere-se a uma valorização do ser feminino e das diversas identidades, que uma mulher pode assumir, durante toda sua existência em meio as esferas sociais.

É, diante desse contexto, que fomos incentivados a realizar uma análise nos poemas *Festa do corpo de Deus* e *Trottoir* da referida obra poética da escritora, Adélia Prado, com o intuito de compreender como se manifesta o sagrado/profano manifestam-se no imagético de sua obra.

Podemos, no entanto, especificar nossos objetivos como: a-) evidenciar a escrita feminina no livro *Terra de Santa Cruz* da escritora Adélia Prado; b-) categorizar as imagens poéticas do sagrados e profanos nos poemas *Trottoir* e *Festa do corpo de Deus*; c-) interpretar as imagens profanas e sacralizadas, associadas ao erotismo/sagrado.

Diante disto, conduzimos a presente pesquisa, procurando evidencia a marca da literatura de autoria feminina e de natureza não-canônica, no cenário, excludentes, da tradição literária e de autorias masculinas. Esta pesquisa é de caráter quantitativa/qualitativa.

A abordagem das concepções apresentado neste trabalho leva em consideração as teorias da crítica feminista e da literatura de autoria feminina, de Lúcia Osana Zolin (2005); e as teorias e estudos sobre a poética e a poesia contemporânea, tomaremos por base Octavio Paz (1982), Tzvetan Todorov (2003), e para a análise das imagem do sagrado e profano, Alfredo Bosi (1977), Octavio Paz (1994) e Mircea Eliade (1992).

Portanto, os focos das análises volta-se para as imagem do sagrado e profano nos dois poemas em análise. Desta forma, para execução desta pesquisa decidimos dividir nosso trabalho em três partes, assim, descritas:

No primeiro tópico, intitulado “*Breves palavras poético sobre Adélia Prado*”, que apresentamos um breve perfil biográfico da autora, mostrando suas principais obras, características e a temática mais recorrente nas suas obras poéticas.

No segundo tópico, nomeado de “*A Linguagem Poética*”, evidenciamos a discursão dos estudos da lírica, sobre o passado mítico da linguagem e da sua natureza poética, exibindo uma breve descrição acerca de duas perspectiva distinta sobre a análise literária poética. E um subtópico titulado de “*A Revelação Poética*”, oferecemos a distinção entre o sagrado e o profano como duas noções existenciais assumidas pelos os seres humanos, assim como, elas se materializar na criação poética.

Finalizamos com o terceiro tópico chamado “*A Poetização Do Sagrado E Profano*”, expõe, inicialmente, sobre a poesia como uma forma de resistência e a análise do *corpus* desse trabalho de conclusão de curso. Por fim, nossas considerações finais e referências usadas na elaboração e fundamentação deste trabalho.

Nesta presente pesquisa, buscou, pois, evidenciar o sagrado e o profano/erótico como uma forma de exteriorização de uma identidade feminina promovendo, assim, uma valorização da mulher, concepção que é bastante essencial na referida obra da autora. Diante disso, ressaltamos que este trabalho não procura fazer uma análise crítica rigorosa salientando os pontos negativos da obra de Adélia Prado, mas, sim, evidencia o imagético das experiências do religioso e do poético envolvidos por um toque erótico e por características estruturais de sua criação no seu imaginário poético. Desta forma, esperamos que o sagrado/profano de autoria feminina possam oferecer uma pequena contribuição para o estudos relacionados a esta temática.

## 2. NO UNIVERSO POETIZADO POR ADÉLIA PRADO

Adélia Luzia Prado Freitas é uma poetisa brasileira contemporânea que nasceu na cidade de Divinópolis situado no estado de Minas Gerais no ano 1935. Tendo uma origem católica e seguindo as tradições cristãs católicas casou e da união nasceram 5 (cinco) filhos. Formada em filosofia pela a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Divinópolis (FAFID), exerceu o magistério durante 24 anos, foi chefe da divisão cultural da Secretaria Municipal de Educação e da Cultura de Divinópolis (SEMEC) e também fez parte da equipe de orientação pedagógica.

Iniciou sua carreira literária aos 41 anos e após mandar seus primeiros poemas a Affonso Romano de Sant'Anna, crítico literário e poeta, que mostrou esses poemas a Carlos Drummond de Andrade, assim, com “apadrinhamento” desses dois grandes poetas é publicado em 1976 pela editora Imago, a primeira coletânea de poesia de Adélia Prado intitulado *Bagagem*. Os poemas apresentam versos livres com um viés de oralidade, dividido em partes nomeadas de: *O modo poético*, *Um jeito e amor*; *A sarça ardente- I*, *A sarça ardente II*, e *Alfândega*.

O seu segundo livro de poesia nomeado de *O coração disparado* é publicado em 1978 pela a editora Nova Fronteira, na qual, a obra ganha o prêmio Jabuti<sup>†</sup>, promovido pela Câmara Brasileira do Livro (CBL). No ano seguinte e na mesma editora, a autora lança seu primeiro livro de prosa, *Solte os cachorros* (1979), a partir desse momento, a carreira literária de Adélia Prado alcança o sucesso desejado, pois ela começa a inserisse no mundo das letras, marca da autoria e do espaço da mulher na literatura, pois de acordo com Zolin (2005),

No Brasil, como no exterior, a literatura de autoria feminina, de até bem pouco tempo atrás, não existia efetivamente, isto é, não aparecia no cânone tradicional. [...] O novo lugar que a mulher passa a ocupar na sociedade em decorrência do feminismo fez-se refletir (e não poderia ser diferente) nesse *status quo*. De um lado, a crítica literária, antes de domínio quase exclusivamente masculino, passou a ser praticada por mulheres; de outro, estas passaram a escrever mais como literatas, livres dos temores da rejeição e do escândalo. (ZOLIN,2005, p., 276).

O universo poético literário de Adélia Prado cresceu com um número significativo de obra de poesia e prosa assim divididas:

---

<sup>†</sup> **Nota explicativa** (1.O prêmio Jabuti é o mais consagrado prêmio da Literatura Brasileira, contendo 29 categorias de disputas, e o seu objetivo é de valorizar tanto os escritores quanto o trabalho de todos envolvidos na produção e criação de um livro.)

- Poesias (1981 a 2010).  
Terra de Santa Cruz (1981), O pelicano (1987), A faca no peito (1988), Oráculos de maio (1999), A duração do dia (2010).
- Prosa (1980 a 2006).  
Cacos para um vitral (1980), Os componentes da banda (1987), O homem da mão seca (1994), Manuscritos de Felipa (1999), Filandras (2001), Quero minha mãe (2005), Quando eu era pequena (2006).
- Antologias (1978 a 1999).  
Mulheres & Mulheres (1978), Palavra de Mulher (1979), Contos Mineiros (1984), Poesia Reunida (1991), Antologia da poesia brasileira (1994), Prosa Reunida (1999).

Na sua poesia, Adélia Prado, retrata a vida simples do cotidiano, valores vivenciados pela a escritora na cidade Divinópolis, sobretudo o cotidiano da mulher, conforme Zolin (2005, p.,279-280) *“tais obras trazem em seu bojo críticas contundentes aos valores patriarcais, tornando visível a repressão feminina nas práticas sociais, numa espécie de [...] conscientização desencadeado pelo feminismo.”*

Em seu universo poético ela aborda questões como; o casamento, amor e o papel da mulher na sociedade contemporânea, promovendo a valorização do universo feminino, mostrado, assim, as várias faces de uma mulher que pode ser: mãe, esposa, dona de casa e intelectual, produzindo um embate entre o feminino, relacionado a traços feminil, identificados com específico da mulher; com o feminismo, movimento filosófico, político e social que reivindica a igualdade de direitos entre mulheres e homens.

As poesias pradiana é bastante marcada pela a religiosidade, por apresentar inúmeras referencias, ou mesmo, intertextualidades bíblicas; e pela a presença do erotismo. De acordo com Eliane Robert Moraes em entrevista ao canal YouTube, o que distingue um texto erótico de um pornográfico é através de como é feita a representação do sexo no texto, ou seja, na pornografia, aparece de forma mais realista mostrando tudo, diferente do erótico que só sugere essa representação. Assim como o uso constante do recurso de hibridização.

As obras poéticas de Adélia Prado são consideradas manifestações não-canônicas, denominadas como Literatura Marginal ou literatura da minoria como afirma Pessôa (2017),

como a poesia digital, a poesia visual, o neobarroco e as experiências neoconcretas. Muitas dessas tendências vigentes e bastante evidentes, porém, ainda incompreendidas, se veem excluídas do cânone tradicional e, em consequência disso, diversos poetas permanecem ignorados pela crítica especializada, também desinteressada em analisar fenômenos atualíssimos. (PESSÔA, 2017, p., 3).

Portanto, o cânone, termo de origem religiosa empregue na literatura como uma forma de denominar obras consagradas pelo o seu valor estético regrado e social, sempre possuiu um caráter seletivo, marginalizando, assim, aqueles que não se encaixavam ou divergiam dos seus moldes, interesses e concepções, a exemplos dos movimentos de “contracultura” desencadeados pelos os anos 60, que permitiu o surgimento das tidas poesia marginal, que renegava os moldes tradicionais do cânone.

### 3 A LINGUAGEM POÉTICA

A relação do ser humano com a linguagem vem desde os tempos mais antigos, foi a partir dessa relação que permitiu ao indivíduo compreender o seu mundo e a si próprio, assim, surge a filosofia e a ciência derivada da necessidade do ser humano de significar, ou seja, todas as criações humanas tiveram o seu início na linguagem. Podemos observar esta prática por um véis cristão que Deus ao formar o homem deu por meio de linguagem.

No principio, Deus criou o céu e a terra. A terra estava sem forma e vazia; as trevas cobriam o abismo e um vento impetuoso soprava sobre as águas. Deus disse: “Que exista a luz!” E a luz começou a existir. Deus disse: “Que as águas que estão debaixo do céu se juntem num só lugar, e apareça o chão seco”. E assim se fez. E Deus chamou ao chão seco “terra”, e ao conjunto das águas “mar”. E deus viu que era bom. Deus disse: “Que a terra produza relva, ervas que produzam semente, e árvores que dêem frutos sobre a terra, frutos que contenham semente, cada uma segundo a sua espécie”. E assim se fez. Então deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. Que ele domine os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra”. E deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus ele o criou; e os criou Homem e mulher. [Gênesis 1: 1,3; 9,11; 26,27]

A origem da linguagem é, ainda, desconhecida e não se sabe ao certo como foi a primeira linguagem humana, contudo, acredita-se que inicialmente a linguagem, como a fala, possuía uma natureza mítica, isto é, a linguagem desde o início esteve entrelaça com os mitos o que possibilitou a construção dos símbolos, segundo Octavio Paz (1982),

Linguagem e mito são vastas metáforas da realidade. A essência da linguagem é simbólica porque consiste em representar um elemento da realidade por outro, como ocorre com as metáforas. [...] E, desse modo, é um instrumento mágico, isto é, algo susceptível de transformar em outra coisa e de transmutar aquilo em que toca [...] O homem é homem graças à linguagem, graças à metáfora original que o fez ser outro e o separou do mundo natural. (PAZ, 1982, p., 41-42).

O caráter “rebelde” das palavras impossibilitar de haver uma forma fixa de significação, quer dizer, a palavra é uma representação simbólica de algo real e seu símbolo não se limita apenas a uma representação, mas pode a partir de um símbolo gera vários outros, o que mostra uma natureza poética na linguagem. O gênero poema é uma das formas que o

ser humano encontrou para se chegar ao “profundo e original”, assim de acordo com Paz(1982),

A linguagem que sustenta o poeta possui duas características: é viva e comum. [...]. Graças à poesia, a linguagem reconquista seu estado original. Primeiramente, seus valores plásticos e sonoros, em geral desdenhados pelo pensamento; em seguida, os afetivos; por fim, os significativos. Purificar a linguagem, tarefa do poeta, significa devolver-lhe sua natureza original. (PAZ, 1982, p.,49,58).

O poema detém uma importância na construção da identidade das sociedades, pois mostra como elas realmente são e propõe uma identificação, assim, “*Cada vez que surge um grande poeta hermético ou movimentos de poesia em rebelião contra os valores de uma sociedade determinada, deve-se suspeitar de que essa sociedade, e não a poesia, sofre de males incuráveis.*” (PAZ, 1982, p.,54).

A poesia moderna brasileira, se rebelar contra os moldes estéticos tradicionais, usufruindo de uma liberdade poética com, versos livres, o uso da linguagem cotidiana e pluralidade imagética. É o que traz a poesia, Adélia Prado, ao representar a subjetividade da mulher contemporânea, imerso em temáticas como o erotismo e religioso, no qual o leitor se identifica e o faz refletir sobre sua própria existência o que revoluciona a lírica contemporânea. Vejamos o exemplo no poema “A boca”,

#### A BOCA

Se olho atentamente a erva no pedregulho  
 uma voz me admoesta: mulher! mulher!  
 como se me dissesse: Moisés! Moisés!  
 Tenho missão tão grave sobre os ombros e quero só vadiar.

Um nome para mim seria A BOCA  
 ou A SARÇA ARDENTE E A MULHER CONFUSA  
 ou ainda e melhor A BOBA GRAVE.  
 Gosto tanto de feijão com arroz!  
 Meu pai e minha mãe que se privaram  
 da metade do prato para me engordar  
 sofreram menos que eu.  
 Pecaram exatos pecados,  
 voz nenhuma os perseguiu.

Quantos sacos de arroz já consumi?  
 Ó Deus, cujo Reino é um festim,  
 a mesa dissoluta me seduz,  
 tem piedade de mim.  
 (PRADO, 2006, p., 9)

Contudo, a poesia contemporânea com seu hibridismo, discordante das crenças sociais e desprezada da retórica tradicionalista. Ver-se diante de um impasse, como realizar uma análise crítica dessas obras poéticas tão distintas, sem ignorar o seu valor literário poético? Segundo Tzvetan Todorov, em seu artigo intitulado de “*Poética e Crítica*”, mostra duas visões críticas sobre a análise literária.

Na primeira de Jean Cohen, que estuda uma característica comum presente nas obras poéticas, como o foco principal no poema; e, já na segunda o de Gérard Genette que se preocupa com uma análise descritiva e analítica da estrutura poética, com o foco no poeta. Todorov (2003), deixa claro em seu texto que ambas as obras, são importantes para crítica poética, sobretudo para uma reflexão que *“Não podemos mais nos remeter às definições das poéticas clássicas, que aliás já esquecemos; temos de forjar novas.”* (TODOROV, 2003, p., 54).

### 3.1 A REVELAÇÃO POÉTICA

Para Eliade (1992), o sagrado é definido como algo que se opõe ao profano e que se manifesta no “mundo natural” por meio das hierofanias, ou seja, através de objetos ou elementos, no qual, possui um determinado valor sacro, resultante da organização social, econômica e cultural de uma dada sociedade, pois na experiência religiosa todo o cosmo é sacralizado. Já o profano, é tudo aquilo que não é considerado sagrado, isto é, são as experiências profanas do “mundo natural”, onde o ser humano, sobretudo das sociedades modernas, dessacraliza o cosmo.

O sagrado e o profano, assim, contribuem para as duas noções existenciais; a do indivíduo religioso e a do indivíduo não religioso, como também, para a distinção entre a duração do tempo sagrado e um tempo mítico que podem se tornar presente através dos ritos; e o tempo profano, um tempo existencial que ocorre do nascimento até a morte.

A experiência do religioso, principalmente em sociedades arcaicas, ocorre como uma tentativa do ser humano expressar e compreender o divino, por isso que surge as hierofanias, advém da necessidade do indivíduo racionalizar quando se depara com uma realidade sobrenatural, ou seja, acontece um deslumbramento que o faz se expressar. Para isso, Paz (1982) argumenta que,

O homem é um ser que se assombra: ao se assombrar, poetiza, ama, diviniza. No amor há assombro, poetização, divinização e fetichismo. O poetizar também brota do assombro, e o poeta diviniza como o mítico e ama como o enamorado. [...] O horror sagrado brota da estranheza radical. O assombro produz uma espécie de diminuição do eu. O homem se sente pequeno, perdido na imensidão, mal se vê sozinho.” (PAZ, 1982, p.,172-173)

É inegável a necessidade do ser humano de significar todas as coisas, da mesma forma de quere significar a si mesmo, ou melhor, “desejar profundamente ser”. Por essa razão, o ser humano encontra possibilidade para revelar esse ser, desse modo, descobre formas para transcender a sua condição, logo, *“A liberdade do homem se funda e se radica em não ser*

*mais que possibilidade. Realizar essa possibilidade é ser, criar-se a si mesmo.”* (PAZ,1982, p.,188).

Uma dessa possibilidade que permitir transcender o ser é a experiência poética que revelar, através do “ritmo-imagem”, a condição paradoxal humana; como a morte e a vida, mas na sua totalidade. Uma outra possibilidade é a experiência religiosa, que revelar o ser, e também possui uma poética; como as escrituras sagradas, porém se manifesta apenas como uma interpretação dessa condição.

Em suma, a experiência religiosa e a poética têm uma origem comum; suas expressões históricas – poemas, mitos, orações, exorcismo, hinos, representações teatrais, ritos etc. – são às vezes indistinguíveis; as duas, enfim, são experiências de nossa “outridade” constitutiva. A religião, porém, interpreta, canaliza e sistematiza a inspiração, dentro de uma teologia, [...] A poesia nos abre a possibilidade de ser que todo nascer contém; recria o homem e o faz assumir sua verdadeira condição, que não é a separação vida ou morte, mas uma totalidade: vida e morte num só instante de incandescência.” (PAZ, 1982, p.,189-190).

Contudo, a experiência do religioso destoar da experiência do poético, pelo o fato de negar que a possibilidade do ser seja revelado e criado a partir da perspectivava de uma totalidade entre vida e morte, ou seja, o individuo religioso, principalmente os pensamentos católicos, interpreta a condição humana com uma recusa a sua natureza mortal, anulando ,assim, a morte com uma concepção de eternidade.

#### **4. A POETIZAÇÃO DO SAGRADO E PROFANO**

Nos tempos contemporâneos, a poesia é dessacralizada pelas ideologias dominantes, isto é, pelos os modos burguês de proceder e pensar do capitalismo, que desvia a “vontade mitopoética”, aquela necessidade do ser humanos de compreender e significar o mundo, para uma noção guiada segundo os interesses capitalista, uma poesia onde seu valor é dado segundo a sua posição hierarquia social.

De acordo com Bosi (1977), essa desmitificação ocorreu em virtude da decadência da função dos mitos diante das novas formas que o ser humano criou para explicar as coisas; as ciências. Apesar disso, a verdadeira poesia sempre encontrou meios para resistir à abstração mecanizado dos convênios sociais imposto pela a ideologia dominante.

A resistência tem muitas faces. Ora propõe a recuperação do sentido comunitário perdido (poesia mítica, poesia da natureza); ora a melodia dos afetos em plena defensiva (lirismo de confissão, que data, pelo menos, da prosa ardente de Rousseau); ora a crítica direta ou velada da desordem estabelecida (vertente da sátira, da paródia, do epos revolucionário, da utopia). (BOSI, 1977, p.,144-145).

Podemos arguir que a produção poética, em sua grande maioria das vezes, possui um caráter de contradição que se opõem a realidade do meio social e a suas doutrinas. Trazendo novamente à tona, pela a recordação, o universo mítico e heroico dos tempos primordiais, ou seja, uma “ressacralização”. Embora, a cultura atual, profundamente imersa na ideologia, limita-se as chances das criações de ideais utópicos.

Essas recordações, utilizadas pelos os poetas, são um resgate as memórias passadas ou a criação de ideais utópicos futuros, como uma forma de recusar ao tempo presente, o que Bosi chama de “O presente aberto”, que “*Desde os profetas bíblicos até Maiakovski, Brecht e Neruda, a recusa irada do presente, com vista ao futuro, tem criado textos de inquietante força poética.*” (BOSI, 1977, p.,158). Para isso, este autor expõe que

a ruptura com a percepção cega do presente levou a palavra a escavar o passado mítico, os subterrâneos do sonho ou a imagem do futuro. [...] Projetando na consciência do leitor imagens do mundo e do homem muito mais vivas e reais do que as forjadas pelas ideologias, o poema acende o desejo de uma outra existência, mais livre e mais bela. E aproximando o sujeito do objeto, e o sujeito de si mesmo, o poema exerce a alta função de suprir o intervalo que isola os seres. [...] A poesia traz, sob as espécies da figura e do som, aquela realidade pela qual, ou contra a qual, vale a pena lutar.” (BOSI, 1977, p.,192).

Logo, a poesia permanece resistindo até mesmo em tempos conflituosos e hostil, onde os cenários sociais parecem desfavorável a qualquer criação artística, principalmente, a poética, no entanto, a poesia nos mostra que é capaz de sobrevive em meios opressores, resistindo e persistindo através dos tempos.

Cotejando o pensamento de Paz (1994), ela emergiu no século XII, no sul da França em pleno cenário feudal, a poesia provençal, que é responsável pelos os dois importantes legados deixados a nossa civilização ocidental; a poesia lírica e as suas concepções de amor. E mesmo depois de todos esses séculos, ainda continuam presentes algumas das suas particularidades.

A poesia provençal que Adélia trás em seus poemas esta ressonância medieval, nasce em um período europeu de grande prosperidade e riqueza dos senhorios feudais, possibilitado pelas cruzadas, em uma sociedade que embora tenha recebido várias influencia culturais, “desde os povos nórdicos até os orientais”, é, sobretudo cristã. É, nesse ambiente, que um grupo de poetas criam o “amor cortês”, que passa a influir não só na poesia, mas também nos costumes.

Os poetas não o denominaram ‘amor cortês’; usaram outra expressão; *fin’amors*, que dizer amor purificado, refinado. Um amor que não tinha por fim nem o mero prazer carnal nem a reprodução. [...] Os poetas provençais adotam o costume árabe, invertem a relação tradicional dos sexos, chamam a dama de sua senhora e se confessam seus servos [...] essa mudança foi uma revolução. Inverteu as imagens do

homem e da mulher consagradas pela tradição, afetou os costumes, atingiu o vocabulário e, através da linguagem, a visão do mundo.” (PAZ, 1994, p., 70;74).

Apesar da poesia provençal ter surgido em uma sociedade de domínio cristã, partes dos ideais do “amor cortês” divergiam das doutrinas católicas, entre elas, está a exaltação e ascensão da mulher que para a igreja era considerando como um pecado de idolatria, ou seja, o amor devia ser apenas professado a Deus, ainda assim, as mulheres de família ricas, usufruía de certa liberdade no período medieval, como também, muitas delas foram trovadoras.

Os poetas provençal eram adeptos a ficção poética do “amor cortês”, mas tinham concepções diferentes em relação a etapa final da “cortesia”, no entanto, “*o amor é o fruto de uma sociedade refinada; não é uma paixão trágica [...] porque seu fim último é a Joi, essa felicidade que resulta da união entre o gozo e a contemplação, o mundo natural e o espiritual.*” (PAZ, 1994, p., 87-88). O crítico Paz , ainda reforça em seu pensamento que,

Dante mudou radicalmente o ‘amor cortês’ ao colocá-lo na teologia escolástica. Dessa forma reduziu a oposição entre o amor e o cristianismo. Ao introduzir uma figura feminina de salvação, Beatriz, como intermediária entre o céu e a terra, [...] Petrarca é um espírito menos forte que Dante; sua poesia não abarca a totalidade do destino humano, suspenso pelo o fio do tempo entre duas eternidades. Mas sua concepção do amor é mais moderna; nem sua amada é uma mensageira do céu nem entreabre os mistérios sobrenaturais. Seu amor é ideal, não celeste; Laura é uma dama, não uma santa. (PAZ,1994, p., 89-90).

Assim como os poetas Dante (Divina comédia) e Petrarca (*O Canzonere*), onde ambas as obras seguiram a personificação do “amor cortês”, porém, esses dois autores apresentaram duas concepções distintas do amor representados a figura feminina. Para Dante sua amada Beatriz é sua intercessora, papel igual da Virgem Maria, um amor ligado a caridade, já para Petrarca sua amada Laura é idealização de sua própria contradições. No poema abaixo vemos uma outra forma de amor

#### TROTTOIR

Minhas fantasias eróticas, sei agora,  
eram fantasia de céu.  
Eu pensava que sexo era a noite inteira  
e só de manhãzinha os corpos despediam-se.  
Para mim veio muito tarde  
a revelação de que não somos anjos.  
O rei tem uma paixão — dizem à boca pequena —,  
regozijo-me imaginando sua voz,  
sua mão desvencilhando da frente a pesada coroa:  
‘Vem cá, há muito tempo não vejo uns olhos castanhos,  
tenho estado em guerras...’  
O rei desataviado,  
com seu sexo eriçável mas contido,  
pertinaz como eu em produzir com voz,  
mão e olhos quase extáticos um vinho,

um sumo roxo, acre, meio doce,  
 embriaguez de um passeio entre as estrelas.  
 À voz apaixonada mais inclino os ouvidos,  
 aos pulsares, buracos negros no peito,  
 rápidos desmaios,  
 onde esta coisa pagã aparece luminescente:  
 com ervas de folhas redondinhas  
 um negro faz comida à beira do precipício.  
 À beira do sono, à beira do que não explico  
 brilha uma luz. E de afoita esperança  
 o salto do meu sapato no meio-fio  
 bate que bate.  
 (PRADO, 2006, p., 9 11-12)

O poema nos mostra, inicialmente, uma contemplação da experiência erótica comparando com a experiência do religioso, que ao longo do texto vai-se revelando, de forma sugestiva, a uma figura feminina e agente desses devaneios, isto é; uma prostituta, e que se comprova ao final do poema, como também, em seu título: *Trottoir*, que é uma palavra francesa que designa a calçada de uma rua.

A imagem do sagrado e profano são apresentados no poema por meio de uma situação da realidade social, onde a autora traz para o poema a cena de uma meretriz, vendendo o seu corpo, em uma calçada, projetando, assim, nesta cena de caráter profano um devaneio erótico mesclado a uma reflexão religiosa. Por isso, “*A semelhança aparece como efeito de um movimento pelo qual a linguagem produz um contexto comum a palavras que, até então, eram proferidas em contextos separados.*” (BOSI, 1977, p., 31). Valendo, ainda do

imaginado é, a um só tempo, dado e construído. Dado, enquanto matéria. Mas construído, enquanto forma para o sujeito. Dado: não depende da nossa vontade receber as sensações de luz e cor que o mundo provoca. Mas construído: a imagem resulta de um complicado processo de organização perceptiva que se desenvolve desde a primeira infância. [...] As imagens, quando assumidas e recodificadas pelo discurso, dão a este uma textura complexa cujos modos de base, os fantasmas, se põem “entre o puro pensamento e a intuição da natureza. (BOSI, 1977, p., 15,35).

Vemos, também, o uso da reiteração na palavra “*à beira*”, como um forma para enfatiza a imagem do meio-fio da rua, evidenciando, dessa maneira, a condição em que o sujeito lírico encontra-se, seja como um estado físico, emocional e/ou social, pois o sujeito está à beira de tudo até mesmo do que não compreende, revelando um sentimento de marginalização.

De acordo com Paz (1982), as imagens poéticas possibilita a coexistência dos “contrários” e da relação entre esses contrários podem-se produzir ou não, uma nova realidade, visto que cada imagem presente no poema apresenta a realidade por meio de uma totalidade, ou seja, a imagem, assim como a percepção, pode revelar uma pluralidade de sentidos de um objeto ao mesmo tempo em que os unifica, portanto,

o poeta faz algo mais que dizer a verdade; cria realidades que possuem uma verdade: a de sua própria existência. As imagens poéticas têm a sua própria lógica e ninguém se escandaliza de que o poeta diga que a água é cristal [...] Mas essa verdade estética da imagem só vale dentro de seu próprio universo. Finalmente, o poeta afirma que suas imagens nos dizem algo sobre o mundo e sobre nós mesmos e que esse algo, ainda que pareça um disparate, nos revela de fato o que somos. (PAZ, 1982, p.,131).

Diante disso, ratificamos que no poema *Trottoir*, a presença simultânea tanto da experiência religiosa quanto a erótica que permite revelar a sacralização de um ato lascivo, que até nos deixa supor que seja um dos resquícios das particularidades do “amor cortes”, como também, desvendar uma identidade oculta, logo, “*A imagem não explica: convida-nos a recriá-la e literalmente a revivê-la.[...] A imagem transmuta o homem e converte-o por sua vez em imagem, isto é, em espaço onde os contrários se fundem.*” (PAZ, 1982, p.,137).

A sacralização de um corpo é um rito comum na experiência religiosa, principalmente a do catolicismo, onde a consagração do corpo de cristo efetua-se por meio de um rito hierofânico representativo, assim como uma das características do “amor cortes”, que é a contemplação do corpo amado. Da mesma forma, nos mostra o segundo poema *corpus* desta análise

#### FESTA DO CORPO DE DEUS

Como um tumor maduro  
a poesia pulsa dolorosa,  
anunciando a paixão:  
“*Ó crux ave, spes unica*  
*Ó passiones tempore*”.  
Jesus tem um par de nádegas!  
Mais que Javé na montanha  
esta revelação me prostra.  
Ó mistério, mistério,  
suspenso no madeiro  
o corpo humano de Deus.  
É próprio do sexo o ar  
que nos faunos velhos surpreendo,  
em crianças supostamente pervertidas  
e a que chamam dissoluto.  
Nisto consiste o crime,  
em fotografar uma mulher gozando  
e dizer: eis a face do pecado.  
Por séculos e séculos  
os demônios porfiaram  
em nos cegar com este embuste.  
E teu corpo na cruz, suspenso.  
E teu corpo na cruz, sem panos:  
olha para mim.  
Eu te adoro, ó salvador meu  
que apaixonadamente me revelas  
a inocência da carne.  
Expondo-te como um fruto  
nesta árvore de execração  
o que dizes é amor,

amor do corpo, amor.  
(PRADO, 2006, p., 69-70)

Neste poema, a autora novamente expõe uma situação da realidade para revelar a imagem do sagrado e do profano, mas agora aparece em uma cena da experiência da ordem do religioso, onde nos mostra uma figura feminina, aparentemente muito religiosa, contemplando a representação do corpo de Cristo suspenso na cruz, por meio de uma erotização.

Segundo Bosi (1977), a admiração ou o temor por uma imagem permite que ela se perpetue e transcenda através das formas de um “ídolo” ou de um “tabu”, pois esse instante de “quase-idolatria” por uma imagem, e que é bastante comum nas crenças religiosas, termina produzindo uma imagem internalizada que se manifesta como uma dessas formas, logo, essas formas de transcender possibilita o fetiche.

Sendo assim, o poema *Festa do corpo de Deus*, nos exhibe um sujeito lírico em um momento da religiosidade cristã, ou seja, nos ritos da denominada “semana santa”, onde a autora evidencia no começo do poema, com uso da intertextualidade, dois versos do hino latino “*Vexilla Regis*” do poeta Venâncio Fortunato, consagrado pelo seu uso durante a “semana santa”. Logo, o verso “*Ó passiones tempore*” produz uma ambiguidade no poema, e que comprova tanto o tempo em que o sujeito se encontra quanto o seu estado sentimental diante da imagem sacra.

Para Santo agostinho, o olho é o mais espiritual dos sentidos. E, por trás de Santo Agostinho, todo o platonismo reporta a Idéia à visão. Conhecendo por mimese, mas de longe, sem a absorção imediata da matéria, o olho capta o objeto sem tocá-lo, degusta-lo, cheirá-lo, degluti-lo. [...] A vontade de prazer, o medo à dor, as redes de afeto que se tecem com os fios do desejo vão saturando a imaginação de um pesado lastro que garante a consistência e a persistência do seu produto, a imagem. (BOSI, 1977, p.,17-18).

Portanto, a adoração da imagem sacra, culmina em uma contemplação erotizada das formas corpórea da imagem de Cristo na cruz, já que a única coisa que cobre o corpo da imagem é uma espécie de panos sobre as partes íntimas, no entanto, não impede que o sujeito lírico de vislumbrar as suas formas físicas e compare com aparição de Deus para Moises em [Êxodo 33: 18,23], assim, depois dessas reflexões de experiência religiosa mesclado com o erotismo, permite que a figura feminina descubra uma parte oculta de si mesma.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, foi desenvolvida uma análise analítico/interpretativo nos poemas; *Trottoir* e *Festa do corpo de Deus*, presente no livro *Terra de Santa Cruz*, da poetisa Mineira Adélia Prado. A abordagem realizada buscou entender as concepções do sagrado e profano como uma forma de revelar uma identidade feminina. Logo, a pesquisa denominada *a boca que vos fala sobre o sagrado e o profano* mostrou as imagens poéticas; sacralizadas e profanas, relacionadas com erotismo/sagrado.

A pertinência desse trabalho de conclusão de curso-TCC estar evidente na sua temática erótico/sagrado, que procurou compreender duas experiências existenciais das identidades humanas, por meio do imagético do sagrado e do profano, presentes nos dois referidos poemas dessa pesquisa, assim, promovendo uma forma de externalizar uma identidade feminina.

Concluimos que as estratégia poéticas, como o foco nas subjetividades do ser feminino marcado pelo o discurso religioso e combinado ao erotismo desperta a curiosidade do leitor. Para tanto, que a autora faz uso de uma linguagem simples e mais do cotidiano, constituído por versos livres e, ao mesmo tempo em que faz uso da norma culta e do recurso da intertextualidade, principalmente bíblica, para deixar a obra bem atrativas

Constatamos, ainda, que nos dois poemas de Adélia Prado, apresenta duas representação de identidades feminina bastante distintas; no primeiro poema uma mulher da vida e no segundo uma mulher religiosa, como também expõe contextos diferentes, no entanto, ambas as personalidades possui algo em comum, pois seus discursos consistem em uma reflexão erótico-religioso vinculado ao amor e o erotismo.

Desvincular essa duas importantes vertentes; o amor e o erotismo é uma tarefa improvável além de ser um grande equívoco, pois elas estão correlacionadas e contribui para apreensão de um antigo e misterioso estado sentimental, o amar. E que desde antiguidade, fora interpretado de várias formas e com arquétipos de casais, suas influencias abrangem ao épico, a lírica e o dramático, como também, continuam vigentes.

Logo, nos dois poemas da coletânea poética da escritora Adélia Prado, *Terra de Santa Cruz*, podemos observar nitidamente a frequência das duas marcas norteadoras de seus poemas: a religiosidade, correspondente a ideologia cristã, mais especificamente aos ritos católicos; e o erotismo, apresentado sutilmente com um aspecto fetichista.

Nos poemas *Trottoir* e *Festa do corpo de Deus* da escritora Mineira, percebemos, também, que a saturação de pluralidade imagética, visto que favorece em dispor inúmeras interpretações, assim, facilitando aos leitores se identificarem com os poemas, não permite deter-se em apenas uma interpretação concretar, o que se tem são formas sugestiva, implícitas

e que se moldam de acordo com a concepção de cada leitor diante de cada palavra e imagem do poema.

A busca da mulher contemporânea pela a sua própria identidade, em um cenário de dominação masculina, é o foco principal de Adélia Prado em seus poemas, que procura ressaltar as lutas das mulheres pela a igualdade social e de direito entre homes e mulheres, devido às influencias dos movimentos feministas ocorridos no Brasil na década de 70.

Dessa maneira, a autora evidencia a voz feminina através dos seus poemas e, logo, marcar a representação feminina na lírica brasileira, ou seja, a poetisa também marca o seu lugar na poesia contemporânea, como também, para o cenário literário brasileiro, que até então era predominantemente de cunho masculino.

Portanto, vislumbramos, nesta obra de Adélia Prado, uma poesia de caráter bastante instigante, envolvente e revolucionário, pois os seus recursos poéticos, como a intertextualidade, desperta nos leitores a curiosidade, os levando a procurar por outras leituras, além de promover reflexões sobre questões como; a condição feminina na sociedade contemporânea, as subjetividades do “eu” e sem comentar do erotismo/sagrado, que por si só chama a atenção para o texto. Embora seja categorizada como está fora do cânone, é uma obra importante de valor tanto artístico quanto representativo.

## RESUMEN

La literatura desde los tiempos remotos, siempre estuvo entrelazada con las experiencias humanas y, principalmente, como el género poético, ya que resulta de la necesidad de los seres humanos resignificar lo real / imaginario. El poético posibilita así la revelación del ser, pues permite externalizar nuestras experiencias e incluso encontramos con nuestra identidad, sean ellas de carácter profano y / o sagrado. El objetivo principal de este artículo es el análisis de los poemas “*Festa do corpo de Deus*” e “*Trottoir*” la obra poética de la escritora, Adélia Prado, con el propósito de comprender cómo se manifiesta lo sagrado / profano El enfoque teórico se basa en Zolin (2005), Todorov (2003), Bosi (1977), Paz (1982; 1994) Eliade (1992). El análisis nos muestra que la poesía de Adélia Prado tiene un carácter bastante instigador, envolvente y revolucionario, pues sus recursos poéticos, como la intertextualidad, despierta en los lectores la curiosidad, llevándolos a buscar otras lecturas, además de promover reflexiones sobre cuestiones como ; la condición femenina en la sociedad contemporánea, las subjetividades del "yo" y sin comentar del erotismo / sagrado, que por sí solo llama la atención sobre el texto. Aunque es categorizada como está fuera del canon, es una obra importante de valor tanto artístico como representativo.

**Palabras clave:** Poético. Sagrado / profano. Condición femenina.

## REFERÊNCIAS

**BÍBLIA SAGRADA – Edição Pastoral.** São Paulo: Paulus, 2011

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia.** São Paulo: Cultrix, 1977.

COELHO, Nelly Novaes. *Prefácio: O desafio ao cânone: consciência histórica “versus” discurso-em-crise.* In.: **Desafiando o cânone.** Rio de Janeiro: templo Brasileiro, 1999, p., 9-14.

CUNHA, Helena Parente. **Cânone: dúvidas e ambigüidades.** Belo Horizonte: Revista Scripta, 2006, p., 241-249.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MORAES, Eliane Robert. **Café filosófico: A pornografia.** Disponível em:<[www.youtube.com/watch?v=PayIEbiS4\\_w](http://www.youtube.com/watch?v=PayIEbiS4_w)>. Acessado no dia 14 de setembro de 2017 às 08:30.

MACEDO, A.; AMARAL, A. *Cãnone.* In.: **Dicionário da crítica feminista.** Edições Afrontamentos, 2005, p., 13-14.

**Notícia da atual poesia brasileira – dos anos 1980 em diante.** [artigo on line]. Disponível em: <[www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o\\_eixo\\_ea\\_roda/article/view/5378/0](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/5378/0)>. Acessado no dia 13 de setembro de 2017, às 18:03.

PAZ, Octavio. **A dupla chama: amor e erotismo.** São Paulo: Siciliano, 1994.

\_\_\_\_\_. **O arco e a lira.** 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PRADO, Adélia. **Terra de santa cruz.** Rio de Janeiro: Record, 2006.

.REIS, Roberto. **Cânon.** [artigo on line]. Disponível em:<[//social.stoa.usp.br/articles/0037/3007/C\\_NON\\_-\\_roberto\\_reis.pdf](http://social.stoa.usp.br/articles/0037/3007/C_NON_-_roberto_reis.pdf)>. Acessado no dia 14 de setembro de 2017 às 21:11.

TODOROV, Tzvetan. **Poética da prosa.** 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ZOLIN, Lúcia Osana. *Literatura de autoria feminina.* In. **Teoria literária:** 2005.

[Biografia/online]. Disponível em:<[www.releituras.com/aprado\\_bio.asp](http://www.releituras.com/aprado_bio.asp)>. Acessado no dia 16 de setembro de 2017 às 07:54.

**A crítica poética da poesia contemporânea brasileira: Alguns percursos.**[artigo online].Disponível em:<[www.abralic.org.br/anais/arquivos/2015\\_1455908526.pdf](http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1455908526.pdf)>. Acessado no dia 8 de novembro de 2017 às 10:58.

**A etérea duração do dia: gênero na poética encarnada de Adélia Prado.** [artigo on line]. Disponível em:<[www.redalyc.org/html/2871/287127997002/](http://www.redalyc.org/html/2871/287127997002/)>. Acessado no dia 16 de setembro de 2017 às 11:20.

**Lírica brasileira contemporânea: uma leitura da poesia de Adélia Prado.** [artigo on line]. Disponível em: <[www.revista.ueg.br/index.php/icone/article/download/5117/3387](http://www.revista.ueg.br/index.php/icone/article/download/5117/3387)>. Acessado no dia 8 de novembro de 2017 às 20:54.